

Jornalismo e culturas urbanas juvenis

Rosana de Lima Soares 1

I Doutora em Ciencias da Comunicacao pela ECA-USP e professora nos cursos de graduação e pós-graduação desta mesma Escola.

Em 2004, um livro incomum foi lançado nos Estados Unidos: *And it don't stop: the best american hip-hop journalism of the last 25 years*. Organizado pela jornalista Raquel Cepeda, especializada em música e com experiência de trabalho na MTV News, The Village Voice e revista Vibe, a iniciativa de reunir em uma única edição o que de melhor se produziu na cobertura jornalística sobre o hip-hop aponta não apenas para aspectos deste movimento cultural mas, sobretudo, para questões relativas ao próprio fazer jornalístico.

Em finais dos anos 70, o hip-hop começa a ganhar as páginas dos jornais. Pouco se sabia sobre sua força e continuidade, mas a partir desse momento os conceitos de identidade, gênero, raça, classe e cultura seriam transformados. Tratando o tema das culturas urbanas contemporâneas, especialmente a cultura juvenil, por meio do hip-hop em suas várias manifestações, o livro apresenta uma seleção de artigos escritos por pessoas que testemunharam a chegada do tema aos veículos da mídia, não apenas aqueles especializados em música, mas também a grande imprensa americana.

Ainda sem tradução no Brasil, *And it don't stop* aborda, de maneira inovadora, os primórdios dessas reportagens e entrevistas, desde o primeiro artigo escrito sobre a dança *break*, até os mais recentes eventos e personalidades musicais relacionados ao movimento - histórias contadas não apenas por jornalistas especializados mas, sobretudo, por escritores e testemunhas oculares que relataram e vivenciaram a geração hip-hop.

O livro está organizado em três partes, com prefácio escrito por Nelson George e uma introdução escrita pela organizadora, em que retoma vários momentos significativos em termos de cobertura musical no período retratado pelo livro. A primeira parte é chamada "1980s: Looking for the perfect beat" e é composta por sete artigos, do *break* ao *rap*, escritos por jornalistas diversos, entre eles Sally Banes, Bill Adler e John Leland.

A segunda parte, denominada "1990s: Pop goes the weasel", apresenta relatos e entrevistas com personalidades da cena hip-hop, escritos por Carol Cooper, Kevin Powell, David Kamp e Touré, entre outros jornalistas, compondo um mosaico distribuído em 17 artigos. A terceira e última parte, chamada

"2000s: Get rich or die tryin'" traz seis artigos escritos por Sacha Jenkins, Harry Allen, Emil Wilbekin e a própria Raquel Cepeda, passando pelo grafite e pelo rock e chegando até a profissionalização e consolidação do movimento hip-hop não apenas em sua composição, mas também nas relações estabelecidas com a mídia e a cultura hegemônica. O hip-hop rompe limites e se espalha em espaços antes destinados apenas às manifestações dominantes.

Juventude, urbanidade e resistência caracterizam as duas décadas apresentadas no livro de Raquel Cepeda, relacionando sexo, violência, pobreza e globalização às questões de cultura e identidade contemporâneas. No início dos anos 80, quando o hip-hop apresentou suas primeiras manifestações, não se poderia imaginar que, vinte anos depois, teria se tornado parte de uma indústria milionária e abrangente.

A cultura hip-hop provocou o surgimento de um jornalismo hip-hop, a prática profissional precisou ser (re)inventada para dar conta do novo movimento. Dança, música, grafite, moda, literatura fazem parte desta cena que transformou não apenas a sociedade, mas também o modo de reportar seus eventos. Caracterizando-se, sobretudo, como uma "forma de arte oral", os escritos e imagens da cultura hip-hop movem-se do fantástico à introspecção, do onírico ao extraordinário, e transformam os modos de narrar e de apresentar as histórias.

Mais do que uma simples compilação de artigos jornalísticos sobre hip-hop, *And it don't stop* apresenta um trajeto crítico em que a relação entre jornalistas e artistas atinge uma interação nunca antes percebida na imprensa norte-americana. Realizando um trajeto cronológico, é possível perceber as transformações na cultura hip-hop - especialmente na música *rap* - e relembrar a força transgressora dos primórdios do movimento e seu potencial transformador, que permanece até os dias de hoje.

Raquel Cepeda, em sua introdução ao livro, afirma que "O jornalismo hip-hop foi criado na tradição do hip-hop como reflexo da sociedade. Os jornalistas do hip-hop não apenas tentaram compreender esta cultura, mas foram eles próprios protagonistas atuando para fazerem-se entender". Assim como a própria cultura hip-hop, o jornalismo hip-hop é caracterizado, nos artigos reunidos nesta coletânea, como um meio de transformação social.

Em um tempo no qual o hip-hop parece ter sido incorporado à produção cultural dominante, é preciso lembrar - e *And it don't stop* busca resgatar a história do hip-hop pelos relatos jornalísticos para trazê-la ao registro da memória - que enquanto os textos sobre hip-hop publicados na imprensa alternativa nos anos 80 contribuíram para legitimar a música nascente devido à identificação que geraram nos jovens, nos anos 90 o jornalismo contribuiu para definir os paradigmas sociais e políticos daquela geração. Nos últimos anos, o jornalismo tem sido desafiado com a tarefa de apresentar, em suas coberturas, aspectos mais interessantes e singulares do hip-hop do que aqueles destacados pela cena cultural dominante, revelando a substância e não apenas a superfície da cultura hip-hop.

Para além da questão da música e suas manifestações contemporâneas, a idéia de um "jornalismo hip-hop" nos faz pensar sobre as fronteiras sempre movediças de um fazer que, mais do que uma profissão a ser aprendida e ensinada, é também um ofício. Que o frescor dos textos apresentados neste livro possa despertar, também no jornalismo, a vontade de nunca parar, refazendo sua própria narrativa.

And it don't stop: the best american hip-hop journalism of the last 25 years
Raquel Cepeda (organizadora)
New York, Faber & Faber, 2004